

TROPICÁLIA

EDIÇÃO Nº 01 - JUNHO 2019

Fotos inéditas do clipe Réquiem

Simbolismos e significados

Entrevista exclusiva com Ninju

O uso do figurino como uma ferramenta de comunicação

Bastidores do videoclipe



ED. 1
GRATUITA

UNIFATEA
Centro Universitário Teresa D'Ávila

Líquido e sólido

Racismo, desigualdade social e musicalidade: a primeira edição da Tropicália traz o artista independente Ninju para nos contar um pouco mais sobre a sua arte e seu último clipe, "Réquiem", que traz diversas referências à luta do movimento negro contemporâneo

Olá, Leitor!

Você tem em mãos a primeira edição da revista Tropicália - uma produção totalmente artesanal, feita por estudantes universitários e dedicada a qualquer pessoa que se interesse por arte, nas suas mais belas e variadas formas.

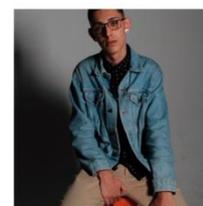
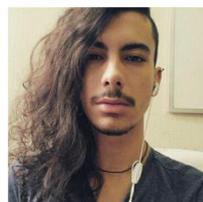
O nome da nossa revista originou-se de um movimento cultural brasileiro conhecido como Tropicália, ou Tropicalismo. Este período artístico, marcado por nomes como Rita Lee, Gal Costa e Caetano Veloso, tinha a intenção pura e completa de fazer arte pela arte, ou seja, explorar ao máximo toda a beleza subjetiva que esse fenômeno humano pode proporcionar à sociedade e seus indivíduos. Conosco, não é diferente. Trazemos, mensalmente, artistas pouco conhecidos no meio mainstream e vos damos a oportunidade de expor suas produções culturais, acompanhando um período da sua rotina e registrando tudo que for possível.

Engajada nas áreas social e política, a Tropicália também propõe o debate acerca de pautas importantes na contemporaneidade como sexualidade, gênero, racismo, discriminação religiosa e machismo, mas sempre de modo democrático, facilitando a compreensão de qualquer leitor e provocando-o a questionar sua própria realidade.

Esperamos que você possa obter grande proveito desta edição, que foi preparada com muito esforço, planejamento e carinho, para que tu possa desfrutar ao máximo dessa experiência imersiva na arte contemporânea.

Um abraço e boa leitura!

Equipe Tropicália



Réquiem

O clipe do artista Ninju apresenta Caíque Santiago como ator principal e traz uma gama de referências sobre as religiões de matriz africana retratadas através da guia utilizada pelo protagonista e pelo personagem caracterizado como entidade; ao se tratar dos sonhos e metas, os mesmos foram expressados a partir dos loopings e oníricos.

Além de tratar de questões pessoais, "Requiém" diz muito sobre a violência exacerbada contra o jovem negro, questão ainda pouco discutida. Para trazer essa vivência para a produção, foi desenvolvida a cena em que o protagonista é brutalmente abordado por policiais, resultando em tiros contra o jovem.





Fazendo referência à liquidez, entra em cena a melancia. Por conta de Ninju ter uma forte relação com a fruta, já que a mesma é versátil, sólida e ao mesmo tempo líquida, ela aparece com frequência na produção; ademais, foi utilizada como base na seleção de cores da revista.

Por fim, "Laranja Mecânica". No filme de grande sucesso adaptado, produzido e dirigido por Stanley Kubrick, que trata de crimes distópicos britânico-americano de 1971, existem áudios em cenas de violência substituídos por sons de objetos sendo quebrados. Para trazer essa ideia para o curta, foi utilizado a imagem da melancia estourando a fim de representar a cabeça de um ser humano.



Figurino

A produção das vestimentas envolve várias etapas e estas são responsáveis por definir a identidade visual do personagem. Além disso, o figurino auxilia também na cotextualização dos fatos da produção audiovisual.

Na produção do curta "Requiém", os itens selecionados são evidenciados para a representação de cultura negra e de religiões como a Umbanda. Na primeira cena do curta, o figurante veste uma calça branca, cor que transmite paz, junto com o guia de Ogum, representando a proteção de quem o usa, sendo ambos grandes itens da cultura afro.



Por tratar-se de um clipe de rap, estilo de resistência e luta do povo negro, todo o figurino do curta foi desenvolvido nestes conceitos, a fim de trazer representatividade e visibilidade para o movimento. Com o desenrolar do curta, o personagem aparece vestindo uma camisa vermelha e terno preto; a escolha da paleta de cores visa projetar a ideia de força, utilizando das cores citadas - que serão aplicadas em outras cenas da produção.

As cores verde e vermelho são utilizadas em grande parte dos figurinos do curta para representar a melancia. A fruta pretende construir o conceito de instabilidade da vida e do indivíduo, utilizando as características de solidez e liquidez desta - além da relação com o conceito de Modernidade Líquida, do filósofo Bauman. Juntamente com a letra da música, a combinação de todos os elementos foi cuidadosamente elaborada justamente para a total clareza e entendimento do produto audiovisual como um todo.



Bastidores

*A*s gravações se iniciaram no dia 16 de maio de 2019 no Bosque Municipal de Cruzeiro. A escolha do ambiente aconteceu devido a natureza e a exuberância da mesma. As gravações aconteceram no período da manhã, assim, a iluminação utilizada foi a luz do dia. A câmera utilizada para o registro das imagens foi a Nikon 3200, junto com a Canon T5i e a filmadora Osmo.



Para as gravações nos ambientes internos, como o banheiro e a cozinha, foi utilizada a lente 24 milímetros. Para tornar real a intimidade do espectador com o ator, além de adquirir uma imagem semelhante ao olho humano, foi utilizada a lente de 50 milímetros.

As demais cenas foram gravadas em ambientes diversos, como o sítio do senhor Carlindo, a casa do ator e as ruas da cidade de Cruzeiro. Portanto, o curta foi produzido utilizando os recursos viáveis para toda equipe.



COUGU
PAIS-FILHOS
TEMOS ASSADO
TODOS OS DIAS
FRANGO - COSTELA - LOMBO
FRALDINHA
(12) 96120-9393

MAIO		2018	
1	11	21	
2	12	22	
3	13	23	
4	14	24	
5	15	25	
6	16	26	
7	17	27	
8	18	28	
9	19	29	
10	20	30	
11	31		

KRAIA

Entrevista

Ronaldinho Paulino Júnior, conhecido como Ninju, é da cidade de Cruzeiro, tem 26 anos e é pai de Miguel. Ele conta que seu apelido veio de uma época que sua galera começou a inverter as sílabas, então Ninju de Junin.

Como o interesse pela música surgiu?

- Cara, a música sempre foi presente na minha casa, tá ligado? É... meu tio sempre foi envolvido desde que eu me entendo por gente com diversos estilos musicais, tá ligado? Então sempre tinha ensaio lá em casa, a galera colava, vivia música lá e pô, sempre gostei de música e tal, só que nunca tinha parado para pensar que eu podia fazer a parada. E esse despertar foi meio tarde até; tarde não, tudo tem seu tempo, mas foi mais velho assim. Eu sempre tive envolvido na música, mais como ouvinte e depois de um tempo despertou e... “pô, cê pode fazer também, tem uma mensagem daora pra passar aí. Pode usar a música como ferramenta, tá ligado?”.



Quais são suas influências no geral?

- Esse meu tio é uma dessas, né, mano... Na música tem bastante gente que me inspira, tá ligado? Eu gosto bastante do Rappa; foi o primeiro contato que eu falei assim "pô, eu curto essa banda", tá ligado? Martinho da Vila eu curto pra caralho, é uma das influências que eu tento trazer também. Tento me inspirar em líderes: Martin Luther King, Mahatma Gandhi, pessoas que vieram para passar sua mensagem pro mundo.

A música fala da violência e da diferença de raças, você pode nos falar sua opinião sobre isso?

- Cara, é uma parada que eu vivi desde moleque, tá ligado? Eu sempre estudei em escola particular, porque eu era bolsista, e na época minha mãe achou interessante colocar a gente e tal. Eu sempre morei em quebrada. Era um bairro muito carente. Quando a gente veio morar pra cá, há 20 anos atrás, era uma parada bizarra, eram duas realidades que eu vivi, tá ligado? Com os moleques que eu via na rua e com os moleques que eu via na escola. Então, eu vejo essa diferença desde moleque, eu tinha noção para perceber o quanto isso era gritante, tá ligado? Po, cê chegava na escola, o moleque com Boot de 600 conto, e na rua de casa tinha moleque que não tinha chinelo, tá ligado, mano? Essa que era gritante mesmo.



Existe algum lugar que você enxerga mais essa diferença?

- Porra, acho que em todo lugar, velho. Todo lugar rola isso. Tipo, na balada de rico, tem pobre trabalhando, tá ligado? Todo lugar, mano. Todo lugar tem a diferença. É gritante e só não vê quem não quer.

Por que você escolheu a melancia como símbolo?

- (risos) A melancia é zika. Primeiramente, eu achava que tinha que ter uma identidade visual, tá ligado, mano? E eu achava a figura da melancia daora, bonita. Só que depois - eu trocando ideia com os caras tudo envolvido no trampo - nós fomos vendo que tinha várias ligações, né? Porque melancia é um alimento comestível e é líquido. É bebida também, tá ligado? Então, a gente começou a relacionar isso como fonte de vida, tá ligado? Você tem comida e bebida ali na melancia. É um ciclo também, tá ligado?



Qual a principal mensagem que você gostaria de transmitir para o público?

- Mano, a principal intenção nas minhas letras é trazer a realidade pra música. Às vezes numa parada mais leve, tá ligado? A gente tentar transmitir isso através da arte mesmo. E que, mano, você pode acreditar nas suas ideias, tá ligado? Não tem um caminho certo pra você seguir. Eu acho que você tem que acreditar nas suas ideias e você pode fazer a sua parada acontecer, mano. Eu acho que a principal mensagem é essa.

O que você pretende conquistar com a sua música?

- Porra, agora pegou! Eu não sei ainda, mano. O que eu pretendo, tô buscando ainda, tá ligado? Eu não sei.





TROPICÁLIA



 **UNIFATEA**
Centro Universitário Teresa D'Ávila

DIREÇÃO GERAL João Lopes

CORREÇÃO Isabella Egreja

REVISÃO GERAL Ana Clara Lorena

ADAPTAÇÃO Luciano Júnior

REDATORES Ana Clara Lorena

André Sendreti

Isabella Egreja

João Lopes

Leandra Rocha

Luciano Júnior

Nathalye Almeida

Yasmin Menezes

REPORTAGEM Ana Clara Lorena

André Sendreti

Leandra Rocha

Luciano Júnior

Nathalye Almeida

Yasmin Menezes

DESIGN João Lopes

FOTOGRAFIA Adriel Reis

Gabriel Penna

Guilherme Santos

Rafael Cunha

A REVISTA TROPICÁLIA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL PRODUZIDA POR ALUNOS DO 3º SEMESTRE DE JORNALISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO TEREZA D'ÁVILA - UNIFATEA. A PROPOSTA É RECEBER UM ARTISTA BRASILEIRO DO CENÁRIO UNDERGROUND A FIM DE DIVULGAR SEU TRABALHO, DEBATER PAUTAS SOCIAIS E TRANSMITIR A ARTE A TODOS OS PÚBLICOS DE MANEIRA SÉRIA E DEMOCRÁTICA, VISANDO A INTEGRAÇÃO DO LEITOR COM A REVISTA E CÔM O ARTISTA.

O UNIFATEA apoia a

CAMPANHA
DO
agasalho
2019

